

O ABC das escolas campeãs

Apostando na parceria entre professores, pais e governo, muitas instituições garantiram bom desempenho, mas ainda existem problemas

» LEILANE MENEZES
» MARIANA MOREIRA

O Distrito Federal ficou em primeiro lugar entre as unidades da federação no ranking das melhores no ensino fundamental, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). O destaque entre as instituições de 1ª a 4ª séries foi a Escola Classe 106 Norte. Avaliada pela terceira vez, a instituição teve o melhor desempenho de todo o Centro-Oeste em 2005, com nota 6,1. No ano seguinte, perdeu apenas um décimo e caiu para a 11ª posição da lista. Mas, de acordo com o resultado divulgado ontem, reconquistou a liderança na qualidade de ensino, com avaliação de 7,1. “Desde que haja parceria entre a direção, os professores, as famílias e o governo, os índices de qualidade crescem. Se uma dessas variáveis falhar, o desempenho vai cair”, explica a diretora da escola, Isabel Miglio.

Para ela, a vantagem em relação a outras unidades é composta pela tríade família, escola e governo. Um exemplo de parceria que ajudou a escola a conquistar a dianteira foi a criação de uma biblioteca e de um laboratório de informática, com 27 computadores. “A criança que descobre a leitura se torna um bom cidadão leitor. Quem lê mais, escreve melhor e amplia o vocabulário”, ressaltou Miglio. A participação das famílias é essencial no processo. Para aproximá-los, a escola passou a convocar reuniões individuais. Hoje, os parentes acompanham de perto a evolução das crianças.

Os professores também investem em assuntos da atualidade para atrair a atenção dos alunos em sala de aula. “Eles não querem mais o feijão com arroz. Querem os ingredientes que dão sabor. Por isso, criatividade e tecnologia têm que estar associadas à caneta, ao quadro-negro, à palavra”, reflete a diretora. E os alunos concordam. “A gente vem para a biblioteca e descobre um monte de novidades”, comemora Maria Eduarda Costa, 8 anos.

O Colégio Militar Dom Pedro II, criado e administrado pelo Corpo de Bombeiros Militar do DF, também é exemplo. No ano em que completou 10 anos de existência, a escola conquistou o melhor índice entre as instituições de 5ª a 8ª séries, com média de 6,1. De acordo com o diretor da instituição, comandante Márcio Dantas, o segredo é conjugar a dedicação dos professores, a participação dos pais e uma estrutura adequada para o apren-

Monique Renne/CB/D.A Press



Com 10 anos de existência, o Colégio Militar Dom Pedro II, criado e administrado pelo Corpo de Bombeiros, conquistou a medalha de ouro no ensino de 5ª a 8ª séries

Síntese

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado em 2007 e é divulgado a cada dois anos. Ele sintetiza os resultados de dois indicadores da qualidade da educação: o índice de aprovação e a média de desempenho dos alunos nas disciplinas de português e matemática. Esta é a terceira rodada de resultados, já que a série histórica começou em 2005, quando foram estabelecidas as metas de qualidade que deveriam ser atingidas pelo país, estados e municípios. Os dados permitem avaliar as regiões onde o ensino evoluiu e regrediu, e auxiliam na definição de políticas para elevar a qualidade das escolas.

dizado. Ele mantém uma linha direta com todos os pais e responsáveis de alunos para receber críticas e sugestões. No endereço eletrônico, que Dantas batizou de Fale com o Comandante, todos os dias chegam comentários sobre a rotina da escola. “Com base nessa participação, já alteramos o trânsito no horário de entrada e mudamos a regra das avaliações”, revela.

Desafios

A divulgação dos índices que avaliam as turmas de 1ª a 4ª série gerou também algumas insatisfações. A Secretaria de Educação do DF contesta a classificação do Caic Bernardo Sayão, em Ceilândia, como a escola menos produ-

tiva de 1ª a 4ª séries — com 1,7 de média. Segundo o órgão, o Ministério da Educação (MEC) cometeu um erro. “Temos 968 alunos e uma boa nota na Provinha Brasil, um dos critérios usados pelo MEC para calcular o índice, tanto em português quanto em matemática. Nossa nota melhorou, como pudemos cair tanto assim no ranking? Nos anos anteriores, tínhamos mais de 4 pontos. A média da nossa escola esse ano, pelos nossos cálculos, deveria ser algo em torno de 5,7”, acredita a diretora do colégio Neuza Maria da Silva. A secretaria convocou técnicos para refazerem as contas do Ideb e pretende divulgar o resultado da análise nos próximos dias.

O penúltimo colocado entre as

Palavra de especialista

Reflexo da boa gestão

“O Ideb é muito mais o efeito que provoca nas escolas do que o resultado que demonstra. As escolas têm características semelhantes. O que diferencia umas das outras, en-

tão? A gestão. O diretor é aquele profissional que deve liderar as mudanças no ambiente acadêmico. As instituições com bom desempenho conduziram ações para a melhoria em um processo que envolve pais e alunos.”

Remi Castioni, professor da faculdade de Educação da UnB

nas avaliarem da mesma maneira que avaliam outras escolas”, explica a diretora do Proem, Maria dos Anjos Menezes.

Na avaliação de 5ª a 8ª séries, o pior desempenho veio do Centro Educacional 3 de Brazlândia, com média de 2,1. A diretora, Marlene Pereira, explica o porquê do fracasso. “Faltaram professores de matemática e português no primeiro bimestre inteiro, em 2009. Além disso, recebemos muitos alunos de aceleração de aprendizado, ou seja, os que não aprenderam no ano anterior mas passaram de série por causa da idade. A falta de participação dos pais também atrapalha muito”, afirma. A escola deixou de oferecer a 8ª série este ano e passou a matricular ape-

nas estudantes do ensino médio.

Comemoração

O secretário de educação, Marcelo Aguiar, faz um balanço positivo dos números. “O Ideb é um retrato da realidade. Temos muito o que comemorar. Estamos em primeiro lugar nacional de 1ª a 4ª séries. Essa melhora não ocorreu da noite para o dia. É um efeito de programas que vêm sendo aplicados como a educação integral e o projeto *Ciência em foco*. Também é um reflexo da maior qualificação dos nossos professores”, afirma Aguiar.

A boa classificação nas primeiras séries do ensino básico, porém, não deve ser motivo para acomodação. Afinal, o ensino médio ainda deixa muito a desejar no DF. “O segundo grau é um problema em todo o país. Temos de adaptar a linguagem, trazer a realidade profissional para dentro de sala de aula e investir em novas tecnologias para atrair os alunos”, admite. “Queremos melhorar e para isso a secretaria pensa em inaugurar a própria escola de ensino superior em educação, com foco na graduação, mas também no mestrado e no doutorado. Queremos suprir a deficiência que temos de professores de química e física. Por exemplo.”